

CONFERENCIAS - 2.º FLAUTUÊ

PRESENÇA E CONTEXTO DA FLAUTA EM ÉVORA

LUÍS HENRIQUES | RITA FALEIRO | JOÃO PEDRO COSTA | CESEM - Pólo Universidade de Évora



BIBLIOTECA PÚBLICA DE ÉVORA
10 JULHO 2017 | 18H30

INCLUI MOMENTO MUSICAL
ENTRADA LIVRE

Painel de Comunicações

Biblioteca Pública de Évora, 10 de Julho de 2017, 18h00

PROGRAMA

18h15 – Luís Henriques: “Os instrumentos de sopro no contexto musical sacro eborense do século XVIII: Continuidade e transição”

18h30 – Rita Faleiro (CESEM-Universidade de Évora): “A flauta no fundo musical da Sé de Évora na primeira metade do século XIX: o caso da missa de Francisco José d’Assis”

18h45 – João Pedro Costa (Universidade de Évora): “*A Eschola do Grupo de Amadores de Musica Eborenses*: o flautista Joaquim Gregório de Souza”

Momento Musical

LUÍS HENRIQUES

Os instrumentos de sopro no contexto musical sacro eborense: continuidade e transição

A prática instrumental em Portugal, particularmente na cidade de Évora, entre os séculos XVI e XVIII consistiu maioritariamente na participação de instrumentos dentro de um contexto predominantemente sacro, com o seu maior expoente na atividade da Catedral da cidade. Durante todo o século XVII foi mantido um tipo de agrupamento instrumental típico das instituições religiosas quinhentistas, sendo composto na sua maioria por instrumentos de sopro (sacabuxa, *cornetto* e charamela). Porém, ao longo do século XVIII, o agrupamento instrumental ativo na Sé de Évora foi gradualmente “atualizado” de acordo com os grupos de outras instituições portuguesas, nomeadamente da Patriarcal de Lisboa, o centro com maior produção e influência na música sacra portuguesa de setecentos. Durante o século XVIII foram introduzidos instrumentos de sopro de metal, como *trombe* ou *corni*, sintomas de um novo estilo – o *stile concertato* – acompanhando o passo dos compositores de influência italiana. Mais tardia foi a introdução de instrumentos de sopros de madeira, nomeadamente o oboé, clarinete e flauta. Este estudo faz um percurso dos vários tipos de agrupamentos musicais ao serviço da catedral, com particular detalhe nos instrumentos de sopro e a sua consequente introdução ao longo do século XVIII.

Doutorando em Música e Musicologia na Universidade de Évora, é Mestre em Ciências Musicais pela FCSH da Universidade Nova de Lisboa e Licenciado em Musicologia pela Universidade de Évora. É colaborador do CESEM – Pólo Universidade de Évora e o Movimento Patrimonial pela Música Portuguesa sendo também consultor para o atelier de conservação e restauro acroARTE da ilha de S. Jorge. De 2011 a 2012 realizou o catálogo do fundo musical do Arquivo Capitular da Sé de Angra e entre 2014 e 2015 foi bolseiro no projecto ORFEUS (FCT EXPL/EPH-PAT/2253/2013). Em 2012 fundou o Ensemble da Sé de Angra e, em 2013, o Ensemble Eborensis, grupo dedicado à polifonia vocal de Évora, tendo realizado concertos em Portugal e França e com quem gravou um CD no âmbito do projecto ORFEUS. O seu trabalho tem-se concentrado na polifonia vocal sacra portuguesa dos séculos XVI e XVII, sobretudo aquela associada à cidade de Évora, e a música no arquipélago dos Açores desde o povoamento ao início do século XX.

RITA FALEIRO

A flauta no fundo musical da Sé de Évora na primeira metade do século XIX: o caso da missa de Francisco José d’Assis

Sendo habitual a composição em estilo concertado, decorrente do processo de italianização típico do século XVIII, o repertório existente, praticado e disseminado

pela Sé de Évora apresenta várias características não apenas estruturais, mas também orquestrais desta tendência.

Efetivamente, desde o século XVIII que é possível encontrar referências à flauta nos instrumentos constituintes do quadro musical da Sé de Évora: é o caso não apenas de obras de compositores estrangeiros com representação neste fundo (Giovanni Giordani ou Jommeli, italianos que utilizam a flauta em algumas das suas obras sacras, como os salmos *Dixit Dominus* ou *Miserere*) mas também portugueses como José Maurício, falecido em 1815 e que apresenta uma instrumentação ao seu *Miserere* na qual se vê que este instrumento era já conhecido.

Saindo do âmbito dos salmos, vemos que é possível encontrar este instrumento também em outras obras sacras, como a Missa data de meados do século XIX do eborense Francisco José d'Assis, compositor que utiliza uma instrumentação variada, da qual a flauta é parte integrante.

Pretende assim esta comunicação analisar de uma forma mais específica a forma como este instrumento de sopro poderia ser trabalhado no âmbito de composições sacras como as Missas, percebendo se haveria alguma relação entre zonas específicas da obra e este instrumento.

Rita Faleiro é Licenciada em História e em Música e Mestre em Ensino da Música. É doutoranda em Música e Musicologia pela Universidade de Évora e colaboradora do CESEM – Polo de Évora, bem como do projeto Paisagem Sonora e Património Musical de Évora. Atualmente o seu trabalho académico centra-se na investigação de música sacra portuguesa de finais do séc. XVIII e inícios do séc. XIX, sobretudo sobre o estudo, transcrição e análise dos salmos concertados produzidos e utilizados no serviço da catedral eborense, com a perspetiva de conseguir inserir criticamente este género musical no panorama musical português.

JOÃO PEDRO COSTA

A Eschola do Grupo de Amadores de Música Eborenses: o flautista Joaquim Gregorio de Souza

Após a Revolta vintista e consequente instauração da monarquia constitucional, Portugal viveu um clima de mudanças políticas, económicas e sociais, mas também de instabilidade, com os confrontos beligerantes entre liberais e miguelistas ou entre cartistas e vintistas. Porém, mesmo na instabilidade surgiram associações musicais inspiradas na causa liberal, tais como a Sociedade Philharmonica fundada por João Domingos Bomtempo (1822) e a Associação de Socorros Mútuos Montepio Filarmónico (1834). Este período foi quebrado com a Regeneração de 1851, iniciando-se um dos períodos culturalmente mais intensos da história de Portugal. Em simultâneo tentou-se acompanhar a progressão dos principais centros europeus, ressaltando-se a participação de Portugal na primeira exposição internacional de indústria, intitulada *A Grande Exposição dos Trabalhos da*

Indústria de Todas as Nações (1851) em Londres e o aumento das associações culturais. Tal como em todo o país, em Évora também se denotou este crescente associativismo, do qual surgiu, na década de oitenta, um agrupamento instrumental e, sob a alçada do mesmo, uma escola com aulas práticas e teóricas. Esta instituição, denominada *Eschola do Grupo de Amadores de Música Eborenses*, foi fundada pela iniciativa de Jose Barreto Aviz, João Jacinto Valerio e Joaquim Gregorio de Souza – “hábil flautista” e barbeiro. Destes intelectuais, destaca-se Joaquim de Souza, pois foi no seu estabelecimento comercial que surgiu o interesse pela fundação do agrupamento e onde se realizaram as primeiras reuniões. Assim, a presente comunicação tem como objetivo salientar a importância deste flautista para a *Eschola do Grupo de Amadores de Música Eborenses*, bem como o primeiro ano de atividade desta associação que teve como última morada, as atuais instalações do Departamento de Música da Escola de Artes da Universidade de Évora.

João Pedro Costa é licenciado em Musicologia pela Escola de Artes da Universidade de Évora e integrou o projeto “Música Sacra em Évora no Século XVIII” realizado pela unidade de investigação CESEM/UE.